

# BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.  
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE NOVEMBRO DE 1911

N.º 308

## ACONTECIMENTOS ARTISTICOS

Exposição de aguarelas de Roque Gameiro



**A rua do Arco do Marquez de Alegrete**

(Phot. de J. Benoliel)

## A entrega das credenciaes do ministro da Austria-Hungria



*O sr. ministro da Austria-Hungria entrando no palacio de Belem*

### NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de novembro de 1911

Os regimens são diferentes, os homens são os mesmos — O que a Republica está gastando com os antigos paços reais. Uma visita ás Necessidades.

**D**UROU cincoenta e oito dias um dos ultimos ministerios da monarchia, sessenta e tantos durou o segundo da Republica. Este foi-se a terra, inconstitucionalmente, a oito dias da abertura do Parlamento, só porque o chefe do governo se sentiu beliscado com as palavras de um jornal. Podia e devia esperar que as camaras abrissem, pedir-lhes logo um voto de confiança e pelo resultado pautar o seu procedimento politico. Não o quiz, não o fez, e adeus Constituição votada! E adeus exemplos de correcção e moralidade ministerial, que, mais do que nunca, devem ser dados no principio de um regimen, que sahio de uma revolução.

Leva dias sem fim a organização do novo ministerio, andam numa dobadoura, de Herodes para Pilatos, os marechaes dos numerosos grupos, pró e contra, todas as razões, todos os argumentos, se apresentam de um e de outro lado para justificarem, uns a necessidade de um ministerio retintamente bloquista, outros a de um governo retintamente affonsista, e ao cabo de uma tarefa que assumiu as proporções de uma campanha, resolvem fundir-se, concentrar-se, como agora se diz, e os irreconciliaveis inimigos de hontem lá estão unidos como os irmãos da famosa hospedaria amigos... de Peniche, abroquelados e promptos para defenderem a patria e darem cabo do inimigo.

Estas rapidas considerações trazemo-las ao correr da penna, só para mais uma vez constatar que disse uma verdade eterna aquelle que um dia affirmou não ser a Historia senão uma repetição de factos; e para nestas columnas deixar bem frisado que os homens são sempre os mesmos que, monarchicos ou republicanos, os portuguezes tiveram, teem, e hão de ter sempre, defeitos identicos e identicas qualidades, e que, finalmente, os regimens são bons ou maus, não porque esteja a dirigi-los um rei ou um presidente, mas porque maus ou bons são os homens que os constituem, e os servem.

Um deputado pediu em tempo, na Camara, que lhe fornecessem a nota de que actualmente se estava gastando com o custeio



*A entrega das credenciaes do ministro da Austria-Hungria*

*O sr. ministro sahindo do palacio de Belem*

*(Phot. de J. Benoliel)*

## A entrega das credenciaes do ministro da Allemanha



O sr. ministro da Allemanha entrando no Palacio de Belem

dos paços. Foi-lhe fornecida pelo respectivo ministerio, apurando-se que, não obstante as reduções feitas, se eleva a despeza actual a 103:046:640 réis annuaes.

Protestaram e revoltaram-se os jornaes contra esta exorbitancia, dizendo «que é uma verdadeira lista civil que não se concilia com a feição democratica da Republica Portugueza».

E accrescentavam que nas notas trazidas a publico não figuram as despezas com o palacio de Belem, onde o pessoal é pago pelo ministerio dos estrangeiros, nem as que se referem ao pessoal de Queluz que tem um almoxarife, um porteiro e um ajudante, e que estão a cargo do ministerio do fomento.

Ora, sabendo-se que da lista civil do rei sahia a verba para todos estes pagamentos, sabendo-se que não seria inferior aquella que dava em esmolas e pensões a Casa Real, sabendo-se que maior devia ser ainda a despeza com os paços reaes que eram habitados pelo chefe do Estado, pelas duas rainhas e outros até por empregados, criados e por muita outra gente ao serviço da familia real, que admira que não desse para tudo isto a exigua lista civil? A enormidade d'essa despeza, que apesar de reduzida, ainda aterrou a imprensa, não vem porventura justificar cabalmente a necessidade em que se viu o governo que augmentou a lista civil para evitar a continuação dos adiantamentos do Estado á administração da Casa Real?

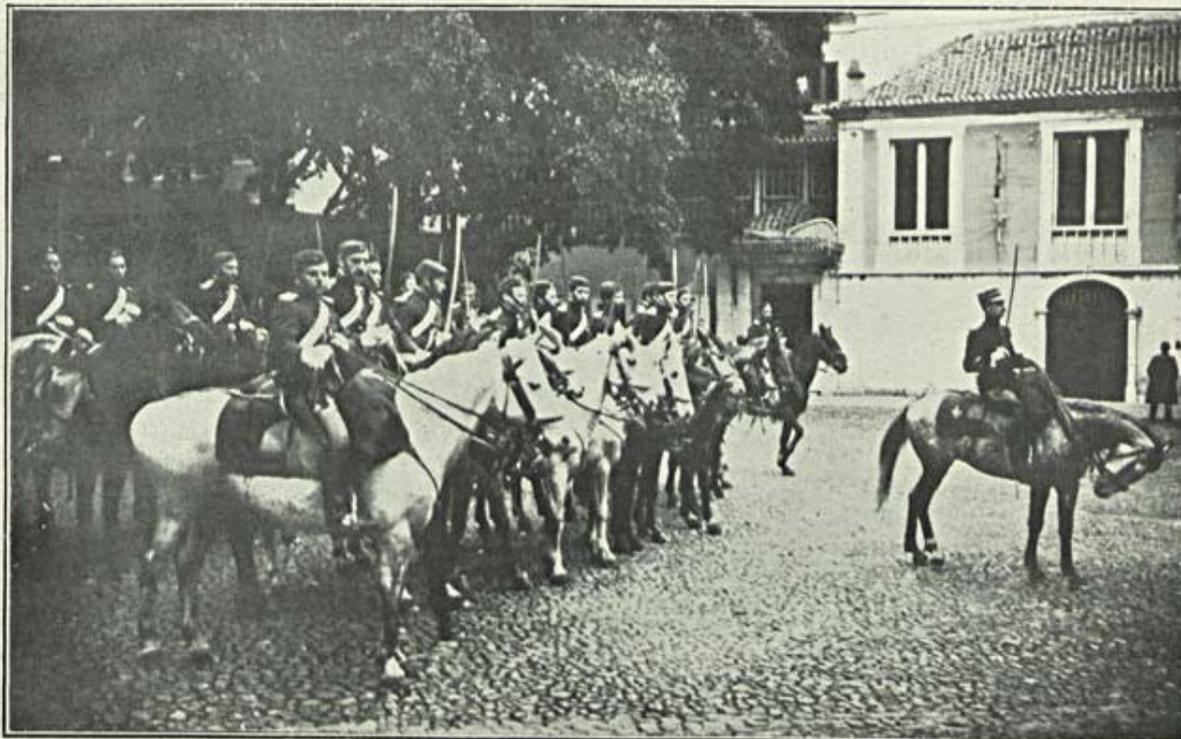
O espanto dos jornaes ante estas excessivas e inevitaveis verbas de despeza responde agora ao clamor que em tempo ergueram contra o que attribuiam a roubalheiras, desmandos e má administração.

O rei de Italia tem a seu cargo as despezas de todos os membros da sua familia e o custeio de todos os antigos palacios reaes, que pertencem ao Estado, mas para essas despezas que são grandes, dá a Italia ao rei a somma de 18 milhões de liras, ou seja a bagatella de 3.600 contos por anno.

Sabe-se o que são as listas civis do rei de Inglaterra, do rei de Hespanha, do imperador da Allemanha. Uma enormidade!

Que este seja um argumento de força contra a existencia da monarchia vá, mas que fosse uma exorbitancia a lista civil do rei de Portugal, que até ha pouco tempo era de 360 contos por anno, e que subia a uns 500 contos, com os subsidios dados ás rainhas e aos principes, não. Só com o custeio dos paços, que absorvia um terço dos honorarios do rei, o espanto dos jornaes republicanos diante da cifra actual demonstra que o que sobejava dahi devia chegar... para a cova de um dente.

Ora, não tendo João Franco assumido o governo para implantar a Republica, mas, ao contrario, para sustentar a monarchia, havemos de confessar que perante a verba dos adiantamentos que se desdobrou aos seus olhos, foi, ao augmentar a lista civil, o mais



A entrega das credenciaes do ministro da Allemanha — Junto ao palacio de Belem — O esquadrão de cavallaria que acompanhou o sr. ministro da Allemanha

(Phot. de A. C. Lima)

rigoroso, moralista e economico dos administradores. Ou isto não é logica, ou a logica é... uma batata.

Pelo que toca ao governo republicano, é elle que, por sua vez, carece de ser um administrador exemplar. Como? Não é destruindo os palacios e as riquezas que elles contém, ou pondo na rua o pessoal, e deixando-os á mercê dos vandalas, a titulo de economias.

Fui ha poucos dias visitar o Paço das Necessidades, que era a morada do rei. Fez-me verdadeira surpresa o que lá encontrei, sobretudo guardado na casa forte. Lá vi a custodia dos Jeronymos, obra prima da joalheria do seculo xv, attribuida a Gil Vicente, que depois de longas discussões, sobretudo entre Theophilo e Camillo, se apurou não ser o Gil Vicente poeta, mas um seu homonymo, illustre na arte de joalheria como elle na de escrever para o theatro. Essa custodia não vale menos — se preço têm essas obras primas dos seculos extinctos — de 600 a 800 contos de réis. Lá vi a custodia de Villa Viçosa, pertencente á casa de Bragança, e de um valor tambem notavel.

Está lá um quadro de Holbein, o famoso pintor flamengo, e ao lado um tryptico do mesmo autôr, cujas obras mais notaveis eu admirei nas egrejas de Bruges, a linda e artistica cidade belga, que conserva todo o estylo da Renascença. Esse quadro foi avaliado em 100 contos, mas acho pouco. Ao lado está um tryptico do mesmo autor, muito importante, mas de menos valor.

Perfeitamente acondicionada em uma grande estante, lá está a baixella Germain, que decerto não tem rival, que está intacta, e que não deve valer menos de 800 contos de réis.

Estão ao lado, em outra estante, cruces, relicarios, varios objectos do culto, recamados alguns de pedras preciosas, e todos de subido valor artistico, e, entre elles, as rosas de ouro offerecidas pelos papas ás rainhas D. Maria II e D. Amelia de Orleans.

E dentro de uma caixa forte, ao cuidado do antigo e honrado particular do rei D. Carlos, o sr. Ruas, lá estão rigorosamente acauteladas, e cada uma dentro dos seus estojos, as joias da corôa, que têm um valor inestimavel, tal é a profusão de pedrarias, sobretudo brilhantes, a maior parte d'elles do Brasil, que se espalham por esses collares, por esses diademas, por essas aigretes, por esses anneis, por essas pulseiras, por esses crachats, de todas as ordens nobiliarchicas da Europa.

As salas destinadas ao armamento, aquellas onde centenas de espingardas, revolvers, carabinas, punhaes, dos melhores autores, antigos e modernos, tudo admiravelmente installado, provam até que ponto este genero de sport encantava e seduzia o finado rei D. Carlos.

Porque é que de tantas faianças preciosas de que a India, o Japão, a China, a Persia e Sèvres, e Saxe e Wadgood apresentaram tantos e tão ricos specimens, porque é que de tantos *bibelots* raros, de tantos quadros de valor, de todos os pintores modernos e de muitos dos antigos, de tantas armas, dispostas de forma que são um encanto para a vista, de ricos mobiliarios, onde ha moveis sem rivaes, como aquelles dois armarios offerecidos ao rei D. Luiz pelo duque de Albuquerque, de tantas preciosidades que lá vi adquiridas ainda pelo rei-artista

D. Fernando, porque é que da livraria das Necessidades, reunida á vasta bibliotheca da Ajuda, e das salas numismaticas, as melhores que existem no paiz, e que constituem neste palacio um campo de observação e estudo aos amadores da numismatica, porque é que d'essa vastissima colleção de vidro, de todos os seculos, de todos os tamanhos, de todos os feitos, coloridos, pintados, symbolicos, artisticos todos elles, porque é que de tanta arte, tantas preciosidades, tantas riquezas que continuam aferrolhadas, escondidas, e apenas expostas á vista de qualquer privilegiado que obtem licença de as examinar *a vol d'oiseau*, porque é que o governo não faz o que fez o da Baviera, quando o rei D. Luiz, o louco rei artista, acabou a vida no lago de Stamberg?

Grandes eram as dividas do rei, que na construcção e recheio de sete palacios gastára 7:000 contos ao thesouro.

Pagal-os era duro, exigir esse pagamento ao espolio do rei era tollice. Que fez o governo? Expoz ao publico todos os palacios reaes, mediante um tanto por entrada. Dentro de pouco tempo, as dividas estavam pagas, era mais visitada a Baviera e principalmente Munich, a arte e as principaes riquezas dos palacios, aclamadas em todo o mundo, e hoje essa receita de visitantes uma das melhores do Estado.

A não ser que o governo republicano esteja com seus receios de que a monarchia volte a occupar os antigos paços, porque se não apressa elle a convertel-os em museus, não só para acalmar os nervos dos que se espantam diante das verbas consumidas com o custeio actual, mas para augmentar e consagrar o culto pela arte, transformar em gozo espiritual para todos os que hoje apenas é monopolio para o pessoal mercenario, e, acima

de tudo, crear para o Estado, que bem d'ella precisa, uma receita importante e permanente?

## Acontecimentos artisticos

### Exposição de aguarelas de Roque Gameiro



Costumes antigos — Esmola para uma promessa

(Phot. de J. Benoit)

*Deveras notavel a todos os respeito a exposição de aguarelas de Roque Gameiro. Falta-nos a competencia para nos alargarmos em maiores considerações ácerca da obra do insigne artista e por isso nos limitamos a chamar a attenção dos leitores para as gravuras que publicamos. Conquanto seja bem insignificante a idéa que dão dos magnificos quadros que vimos expostos, pois lhes falta, entre tudo o mais, o colorido, dão, no entanto, a impressão da belleza e naturalidade das attitudes e do pensamento tão portuguez que presidiu a execução de tantos primores artisticos.*

Não acredites nos louvores da lisonja; prefere a elles as censuras da amizade. O que dá credito a falsos conceitos, cedo reconhece seu erro, mas não o pode emendar.

# Uma lenda christã

Os sete adormecidos de Epheso

(Conclusão)

A proposta de João foi aceita, porque era a mais prudente. Assim, tomaram caminho do monte Célio e penetraram na caverna descoberta por elle indicada.

E ali passaram a existencia, entre a oração e a penitencia, mortos para o mundo e procurando apenas salvação das respectivas almas. Apenas Jumblico, o mais moço dos sete, ia de tempos a tempos á cidade procurar o alimento necessario a todos. Enquanto fazia as compras, indagava da marcha dos acontecimentos. E foi assim que um dia veio a saber da partida do imperador e, duas semanas mais tarde, da sua volta a Epheso.

Decio estava longe, effectivamente, de ter esquecido os sete christãos. Ao contrario, pensava nelles com uma singular obstinação. Voltando ao Epheso, mandou elle que um de seus officiaes trouxesse á sua presença Maximiliano, que era o mais velho e descendente de familia mais nobre. Tal nova fez encher de terror os poucos christãos que ainda havia em Epheso

Jamblico, que fóra ao mercado, soube da noticia e levou-a ao conhecimento dos companheiros.

— Não ha duvida, disse Dyonisio, que os soldados dentro em pouco nos descobrirão! No entanto, parece que ouço uma voz que me aconselha a não desespear. O rei Jesus, meus irmãos, não nos abandonará. Oremos! Peçamos, não pelo nosso corpo, que deve perecer, mas por nossas almas immortaes.

E, depois de terem tomado uma parca refeição, as sete creanças caíram de joelhos.

Dentro em pouco, extenuados, adormeceram ao mesmo tempo.

No entanto roido pela impaciencia, o imperador multiplicava as suas ordens. Nenhum dos sete christãos, porém, apparecia.



ACONTECIMENTOS ARTISTICOS — Exposição de aguarelas de Roque Gamello — A ida para a missa

(Phot. de A. C. Lima)

O prefeito de policia ia ser obrigado a confessar que lhes havia perdido a pista e tratou de ganhar tempo, para desculpar a falta de seus officiaes, dando a Decio informações que nem sempre satisfazião.

Então, Decio encolerisou-se e ordenou que, custasse o que custasse, fossem levados á sua presença os paes dos fugitivos. E disse-lhes com severidade:

— Onde estão vossos filhos, rebeldes ás leis e sacrilegos? Respondei-me immediatamente, sem o que as vossas cabeças responderão pelas delles. Se não me entregardes os foragidos, o mais depressa possivel, morrereis.

Então, Paulino, prefeito de Epheso e pae de Maximiliano, verberou as praticas christãs e assegurou a sua crença nos deuses do Imperio:

Essas creanças, ó Cesar cuja existencia ignoramos — e os deuses immortaes sabem quanto as queriamos — foram roubadas por aquelles mesmos que as tuas justas leis perseguem, por esses christãos, que são o opprobrio da terra. Victimias de taes impostores, desertaram do tecto paterno. Mandámos os nossos escravos procural-as. Em vão correram elles toda a cidade, interrogando sacerdotes e gente do campo. Al-



ACONTECIMENTOS ARTISTICOS — Exposição de aguarelas de Roque Gamello

Lisboa antiga — O Largo da Achada

(Phot. de J. Benollet)



ACONTECIMENTOS ARTISTICOS — Exposição de aguarelas de Roque Gameiro — *A resa do terço*

guns acreditam que os nossos filhos estejam occultos numa caverna do monte Célio. E' apenas o que sabemos. Estarão mortos ou vivos os desgraçados? Ignoramos. Qualquer, porém, que seja a sentença que a tua soberana equidade resolva lançar contra elles, nós a subscreveremos antecipadamente, ó tres vezes augusto! Que a tua graça não nos abandone, Cesar! Adoramos-te como um deus, veneramos-te como pae! Com a maxima fidelidade sempre te servimos e continuaremos a servir!

— Bem respondeu o imperador. Creio no que me dizeis. Seria injusto perseguir os paes pelo crime dos filhos. Não vos retiro a minha confiança e nem os vossos cargos e bens vos serão cassados. Quanto a esses rapazes, tres vezes rebeldes, rebeldes contra os deuses, contra nós e contra a autoridade paterna, que delles não se fale mais á face da terra. Que se procure a caverna, onde pretendem que estejam escondidos, e se lhe feche immediatamente a entrada. O tal Christo que adoram prometteu aos seus adeptos que elles resuscitariam um dia em massa. Assim, fechados na sua caverna, esperarão, longe dos ruidos profanos, a hora da resurreição. Minha vontade é ainda, que, sobre a parede que fechará a caverna, seja apposto o meu sello imperial, afim de que

não haja alguém que leve a audacia ao ponto de tentar libertar os impios.

Mal havia Decio manifestado a sua resolução e já os officiaes imperiaes tomavam rumo do monte Célio. Descobriram dentro em pouco a caverna, onde os sete christãos dormiam, e fiscalizaram com rigor o trabalho dos operarios encarregados de murar a entrada do antro. Deram-se até ao prazer, quando o sello imperial foi collocado, de chamarem pelos prisioneiros, para gozar dos seus gritos afflictivos. Foi em vão, porque nada ouviram. Retiraram-se e deste modo relataram o fim de sua missão a Cesar:

«As tuas ordens foram cumpridas. Quando, com mil precauções, penetrámos na caverna, era de morte o silencio que alli reinava. Acreditámos, por momentos, que os culpados tinham escapado á tua justiça. Entrámos com cautella e vimos os sete impios dormindo calmamente. Fizemos logo murar a entrada do antro e pegámos o teu sello. Assim, enterradas vivas, são a prova do teu rigor em punir os que osam renegar os deuses.»

Tal foi o fim dos sete adolescentes, Martinho, João, Maximiano, Jamblico, Dyonisio, Antonio e Exacustade.

A memoria dos sete murados passou, como passou a dos martyres executados durante a perseguição de Decio. Os imperadores passaram tambem. Os godos destruíram o templo da grande deusa de Epheso. Constantino converteu-se ao christianismo. O filho de Deus reinou de então por deante sobre todo o imperio. Deu-se depois a partilha entre os filhos de Theodosio. Constantinopla tornou-se a séde do governo do Oriente. Schismas crueis dividiram a Egreja e, no reino de Theodosio II, ergueram-se perigosos herejes, que negaram a resurreição dos mortos.

Ora nesse tempo, isto é, duzentos annos depois que os sete adolescentes de Epheso foram fechados na sua caverna, um camponio andava pelo monte Célio á cata de materiaes necessarios para construir um estabulo. Vendo pedras bem talhadas, julgou-se no direito de dellas se apossar. Sem respeito, pois, pelo sello de Decio, que as injurias do tempo, aliás, haviam tornado irreconhecivel, ordenou aos seus escravos que retirassem as pedras. Cerca do meio dia, quando os operarios foram para o almoço, a luz jorrou no fundo da caverna. Foi, então, que os sete adolescentes, acordando subitamente, ajoelharam-se, saudando a volta do dia com as habituaes orações. Como estivessem na manhã seguinte ao dia em que haviam adormecido, começaram a inquirir que deviam fa-



ACONTECIMENTOS ARTISTICOS — Exposição de aguarelas de Roque Gameiro  
*O caes de Villa Franca*

(Phot. de J. Benoitel)

zer. E interrogaram Jamblico minuciosamente sobre as noticias que havia colhido no mercado, inquietos, como estavam, de saber o que Decio contra elles tramava. Combinaram meios de fugir ao faro da policia, não se sentindo seguros onde estavam.

Após longa discussão, resolveram mandar Jamblico, de novo,



ACONTECIMENTOS ARTISTICOS — Exposição de aguarelas de Roque Gameiro — *Poveiros*

ao mercado, entre outras razões, porque, durante a noite, a provisão de pão endurecera, sendo roida pelos ratos.

Jamblico partiu, pois, levando algumas moedas, amarradas na tunica, pensando alcançar, como na vespera, o mercado. A viagem correu sem incidentes, não obstante ter elle, varias vezes, retrocedido, pensando haver-se enganado no caminho. As arvores, os rochedos pareciam ter mudado de lugar. A propria porta da cidade já não estava no mesmo sitio. Os guardas tinham armas de modelo desconhecido e o mercado já não estava proximo á porta. Como se modificára tudo aquillo num dia?

O que, porém, mais amedrontava Jamblico era a curiosidade de que se sentia alvo.

— Certamente, todos já conhecem as ordens do imperador. A policia já divulgou detalhes exactos sobre a minha pessoa e os meus trages. Se assim não fosse, por que me olhariam todos de tal fórma? E' verdade que toda esta gente me parece mudada. Nunca, desde que Deus me deu a vida, vi facies nem habitos semelhantes. No canto desta rua, estava hontem a loja do ourives Bassus. Já não a vejo e sim um posto de policia, que aqui não havia. Ou estou dormindo, ou sou victima de um pesadello.

E, procurando abrir o mais possivel os olhos, Jamblico continuava a avançar, agora ao acaso, por logares que lhe eram desconhecidos. Jamblico começava a perguntar se pela vontade de Deus, elle e seus companheiros não haviam sido subitamente transportados á outra região do mundo. Depois, julgou que a caverna do monte Célio tivesse outra saída, que por caminho ignorado, fosse dar numa cidade parecida, á primeira vista, com a de Epheso.

— Estou perdido! Jámais poderei achar o caminho da montanha. Os meus companheiros, não me vendo apparecer, são capazes

de tomar uma rosolução desesperada! Meu Deus, abandonareis uma pobre creança, á mercê de perigos que nunca correu?

E, traçando furtivamente o signal da cruz, Jamblico continuou a caminhar, até que chegou a uma praça, onde havia um grande mercado.

O primeiro balcão de padeiro que encontrou despertou tanto a sua attenção, que Jamblico não notou a curiosidade de que era alvo. Enquanto elle comprava pão, varios mercadores apontavam-no, perguntando uns aos outros:

— Quem será esta estranha creatura, que tem a face mais pallida que a de um morto? De que terra virá ella? Por que o seu traje é de feito que só se vê nos quadros e nas imagens talhadas na pedra?

— Vejam, exclamava outro, como tem o todo singular. Conserva baixos os olhos e parece andar dormindo!

Não, não, aquillo é esperteza. Sem duvida é um escravo fugido ou um ladrão.

Jamblico, então, desamarrava a tunica e tirava uma moeda para pagar os pães. A' vista de tal dinheiro, de modelo e peso desusados, o padeiro exclamou:

— Pelo santo nome de Deus, que é isto, rapaz? Onde achaste estas moedas, que já não correm? Não recebo este dinheiro!

E a moeda, passando de mão em mão, produziu uma sensação em todo o mercado. Cercaram Jamblico, interrogaram-no, ameaçaram-no. O pobresinho não sabia que responder, até que chegou um official, indagando da causa de todo aquelle escandalo.

E', disse o padeiro, um vagabundo, que quer trocar moedas antigas e, de tal valor, que um miseravel, assim vestido, não pôde possuir.

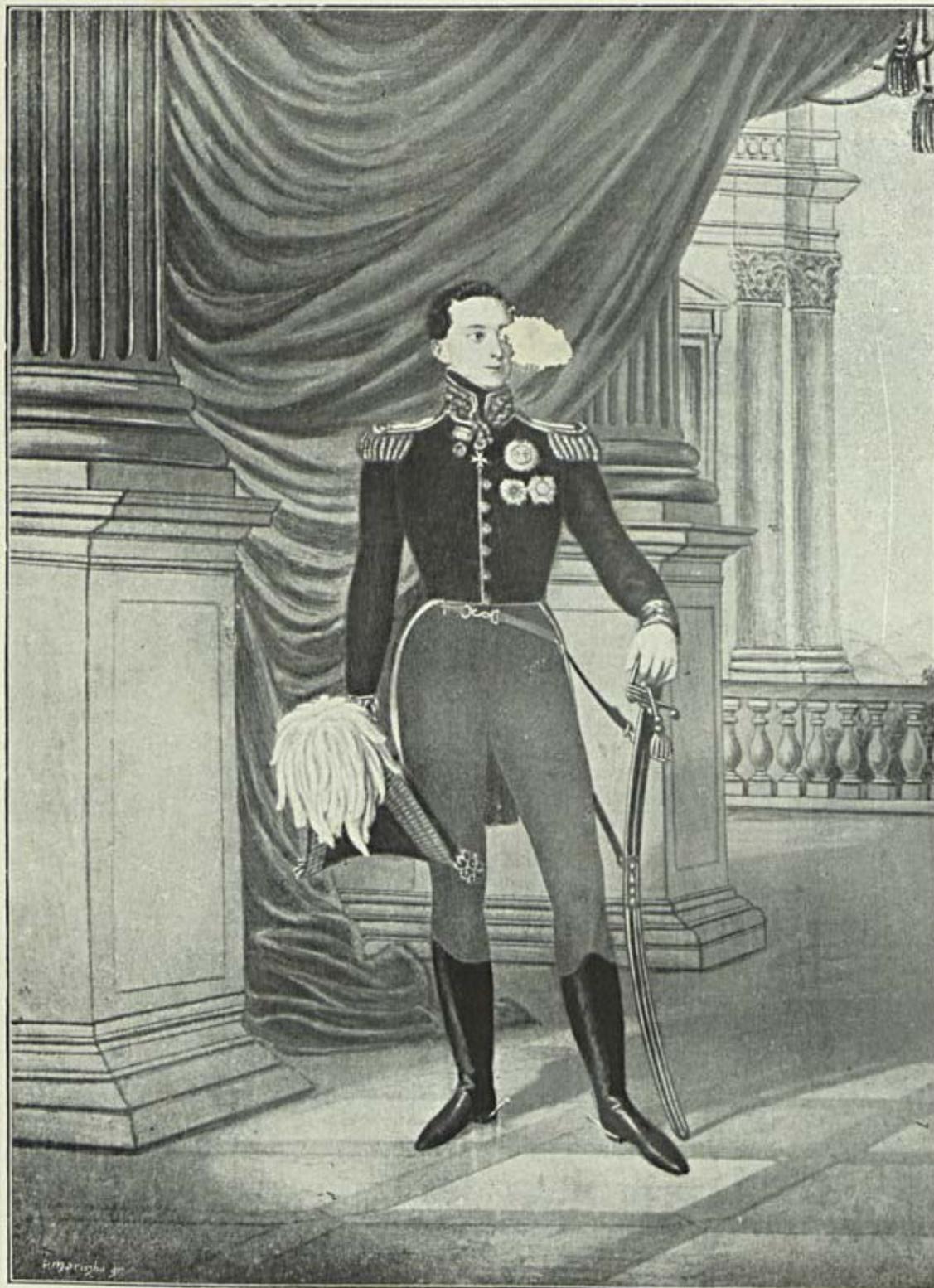
— Em todo caso, falou outro, o sujeito é um pagão e um impio, porque passou em frente á capella dos santos martyres sem se persignar.



ACONTECIMENTOS ARTISTICOS — Exposição de aguarelas de Roque Gameiro — *A palhoça e o guarda-chuva popular*

(Phot. de A. C. Lima)

# D. MIGUEL I



Cópia da notável tela existente no Palácio de Queluz

*Por alma de D. Miguel I e a exemplo dos annos anteriores, mandou a direcção do partido legitimista celebrar exequias no dia 14 do corrente, na igreja do Sacramento, em Lisboa, tendo sido a solemnidade muito concorrida*

Duas mulheres chegaram ao ponto de acusar Jamblico de ter offendido a cruz do Senhor.

A tal accusação, o rosto de Jamblico tomou uma tal expressão, que todos acreditaram que, de facto, ali estava um grande scelerado:

— Prendam-no! Prendam-no! Sacrilégio! A roupa que elle traz, foi roubado de sepulturas antigas!

— E as sandalias? São do tempo de Aureliano!

— Prendam-no! Prendam-no!

— Não estão vendo, disse um outro, que é um astucioso ar-



Sua Magestade o Rei d'Italia  
Victor Manoel II

cujo anniversario natalicio passou a 11 do corrente

menio, que, por sortilegios, descobre thesouros escondidos na terra? Os companheiros mandaram-no aqui para começar a troca das moedas antigas que elles roubaram.

E todos, a uma voz:

— Queimem o bruxo! Crucifiquem o nigromante!

Então, puxando rudemente Jamblico, os soldados conduziram-no á prisão, accusando-o o official de se ter apoderado de um thesouro que pertencia ao augusto Theodosio.

— Joven impio, serás rigorosamente punido! Que deuses adoras? Vamos fala!

Então, com geral surpresa, Jamblico, caindo de joelhos, em frente á capela do mercado, assim falou:

— Sou christão e cidadão de Epheso. Meu nome é Jamblico e meu pae Adriano é prefeito das cohortes de Decio!

— Que desfaçatez! Como se mente assim! Ignoras, ladrão, que o augusto Decio succumbiu aos golpes dos germanios? Já lá vão duzentos annos!

— Não sei, disse Jamblico. Parece que a razão me foge. Mas o que affirmo é que eu e os meus seis companheiros fugimos aos rigores do imperador Decio, que nos queria forçar a abjurar a nossa fé. Fazei de mim o que entenderdes, porque morrerei glorificando o rei Jesus, Filho de Deus.

— Em verdade, murmurou um padre, trata-se, sem duvida, de algum miraculoso facto e tudo, nas palavras desta creança, merece ser tido em conta. Conduze-a, peço-te, official de policia, sem a molestar, á presença do nosso santo bispo Estevão. Este, na sua sabedoria, decidirá. Estas coisas estão acima de minha intelligencia.

A multidão, porém, sem ter em consideração as palavras do sacerdote, continuava a invectivar Jamblico. Sem a protecção dos soldados, tel-o-iam mesmo espancado. Até ao palacio episcopal, fartaram-se de cobril-o de injurias, brandando sempre:

— A' morte, o ladrão! E' um impostor! E' um louco furioso, um profanador de tumulos, um vampiro!

A Providencia quiz que o proconsul se achasse na occasião em conferencia com o bispo. Os dois dignitarios, tendo ouvido o official e admirado as moedas, começaram a interrogar Jamblico.

O proconsul não levou ao sério as afirmativas do adolescente e ameaçou-o mesmo de fazel-o morrer a chibatadas, se não denunciasses os seus cumplices.

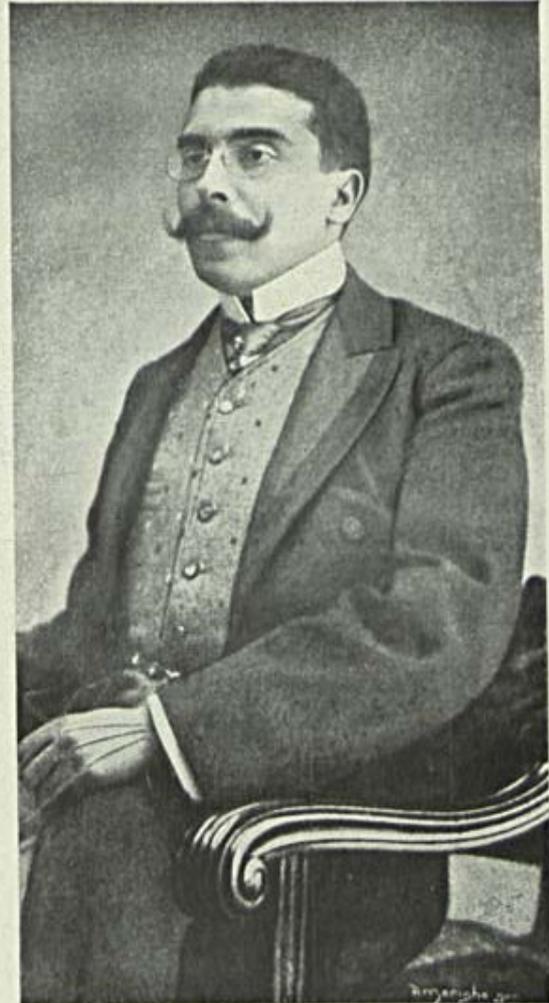
Então, Jamblico, caindo de joelhos em frente ao bispo, assim falou:

— O' pae dos fieis! Escuta a minha voz e perdoa-lhe a fragilidade. Sinto as forças decrescerem, hora a hora. Sinto que, dentro em pouco, morrerei. Sem poder dar-vos uma só prova do que avanço juro pelo nosso rei Jesus que sou christão. O santo padre Timotheo me baptisou, com as suas proprias mãos, na crypta de Paulina e Domitilla, e o imperador Decio me quiz obrigar a abjurar. O proconsul ordena-me denunciar os meus cumplices, isto é, os meus irmãos em Jesus. Pois bem. Elles são dez: Maximiliano, o mais velho, é filho de Paulino, prefeito de Epheso...

Indignado, o proconsul levantou-se. Tomando-lhe, porém, docemente do braço, Estevão convidou o a de novo sentar-se:

Escutae-o. E' o céo que, neste momento, nos fala pela boca desta creança. Continúa sem receio, Jamblico!

— Maximiliano, proseguiu o adolescente, é o mais velho. Seguem-se Martinho, João, Dyonisio, Antonino, Exascutade. Perseguidos, refugiamo-nos numa caverna do monte Célio. Permitti-me



Dr. Augusto de Vasconcellos

Actual presidente do conselho de ministros

*Lente da Escola Medica, enfermeiro-mór dos hospitaes, ministro de Portugal em Madrid, ministro dos estrangeiros, presidente do ministerio, ninguem dirá que tenha sido difficil e demorada a ascensão social do dr. Augusto de Vasconcellos, cujo retrato não ha muito appareceu n'estas paginas em que se celebrava o medico distincto, como apparece hoje, não para celebrarmos o politico, ainda quasi desconhecido, mas para fazermos votos porque o novel estadista corresponda ás esperanças dos que tão alto o elevaram.*

*O actual governo, que assumiu o poder no dia 12 d'este mez, é assim constituído:*

*Presidencia e estrangeiros — Dr. Augusto de Vasconcellos; Interior — Dr. Silvestre Falcão; Justiça — Dr. Antonio Macieira; Finanças — Dr. Sidonio Paes; Guerra — Tenente-coronel Alberto da Silveira; Marinha — Dr. Celestino de Almeida; Fomento — Dr. Estevam de Vasconcellos; Colonias — Capitão-tenente Freitas Ribeiro.*

conduzir-vos até lá e pereçam minha alma e meu corpo, se não falo a verdade.

— Vamos, disse o bispo, sigamos esta creança. E' a verdade, sim, que são de sua boca.

O proconsul deu de hombros e ordenou aos seus guardas que

## VARIETÉES

A vida humana é semelhante a uma partida de xadrez, durante a qual cada peça occupa um determinado logar na meza, segundo a sua representação; mas, depois de acabado o jogo, quasi sempre bem pleiteado, os reis, as rainhas, os cavalleiros e os peões vão promiscua e indistinctamente para o mesmo sacco de onde sahiram.

N'uma casa de pobres. O marido indignado:

— Que porcaria! um trapo velho na feijoada!

— Pelo que vejo — acode a mulher — querias encontrar seda ou velludo.

Um excellente homem, que não tinha grandes meios de fortuna, passeando no mercado, viu um bello abacaxi.

— Quanto custa?

— Cinco tostões.

E estava quasi a comprar o appetitoso fructo, quando se lhe aproximou um pobre, pedindo uma esmola.

— E eu ia gastar cinco tostões com uma gulodice! E mettendo a mão na algibeira, deu os quinhentos réis ao pedinte. Mas, oh! surpresa! voltando-se, viu o mendigo dirigir-se ao quintadeiro e comprar o mesmo abacaxi pelos cinco tostões...

Na Suissa as mulheres e os homens encarregados de ordenhar as vaccas recebem melhor salario quando teem boa voz, porque se verificou que as vaccas dão mais leite quando os que as ordenham cantam melodias agradaveis.

## A incursão de Paiva Couceiro



*Conspiradores monarchicos portugueses detidos na fronteira pelas tropas hespanholas*

seguissem a comitiva do bispo. Quando, porém, chegaram á caverna do monte Célio e viram os seis palidos rapazinhos cobertos de andrajos, religioso terror pregou-os ao sólo. O olhar arguto do bispo acabava de descobrir um pedaço de bronze entre os destroços que juncavam o sólo. Os santos Balbo e Theodoro tinham conseguido atiral-o á caverna, antes que ella fosse fechada por ordem



**A incursão de Paiva Couceiro**  
*A guarda civil guardando algumas armas apprehendidas aos incursores*

de Decio, duzentos annos antes. E naquelle pedaço de bronze, estava escripta a historia dos sete martyres de Epheso.

Então, o proconsul, o bispo Estevão e todos os assistentes caíram de joelhos, louvando Deus nas suas obras, enquanto que as sete creanças rendiam testemunho de sua fé e da resurreição, como que confundindo os blasphemadores que negam esse dogma da religião christã.

E, quando acabaram de falar, os sete inclinaram-se, docemente. Quando os levantaram, estavam mortos!

O imperador Theodosio ordenou que fossem construidos sete jazigos de ouro, para nelles repousarem os restos dos gloriosos adormecidos de Epheso. Uma noite, porém, os martyres lhe appareceram, pedindo-lhe que os deixasse dormir o somno eterno naquella mesma caverna do monte Célio, onde haviam achado asylo contra a perseguição de Decio e do seu seculo.

MAURICE MAINDRON.



**A incursão de Paiva Couceiro**

*O coronel Bayam, commandante, á data da incursão, do regimento de infantaria aquartellado em Bragança, e recentemente castigado sob a accusação de não ter contribuido efficaçmente para o desbarato das forças monarchicas.*

(Phot. de J. Benoliel)

## Influencia das mulheres

Foi por causa de uma mulher de Thebas que durante dez annos houve guerra entre os thebanos e phocidios.

Causou Helena a guerra entre troyanos e gregos.

David, por amores com Bercebe, chorou dia e noite, viu retalhado o seu imperio e succumbiu ás iras de seu filho Salomão.

Holofernes foi degolado por Judith.

Amon é assassinado em um banquete pela feroz Thamar.

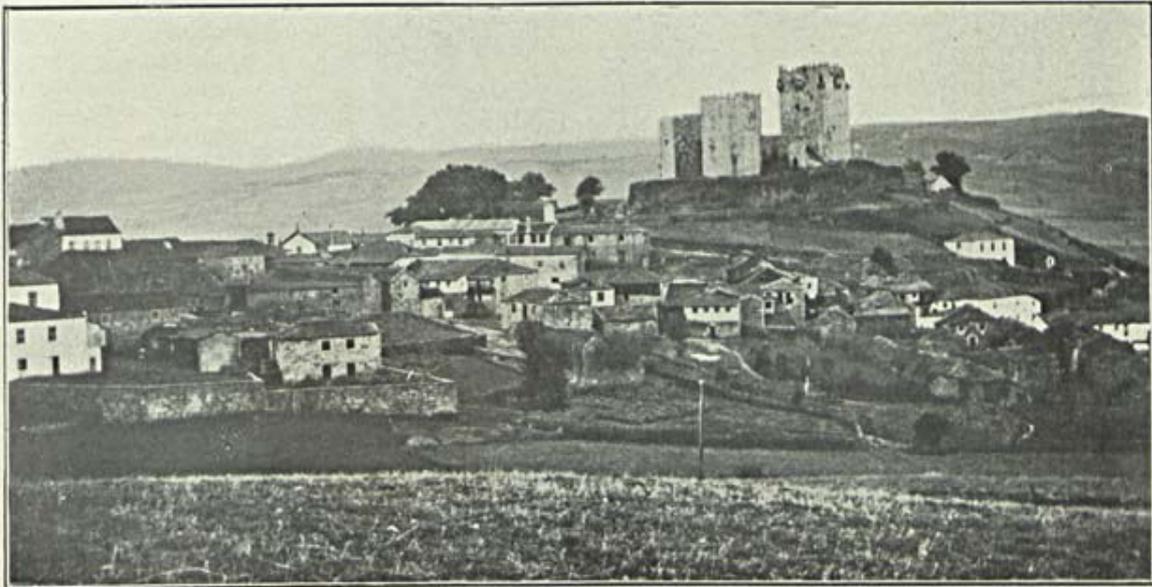
Por causa de Lucrecia acabaram os reis em Roma.

Deu Virginia em terra com o dominio dos decemviros.

## A AZINHEIRA

Hontem glorias, hoje ruinas

**Q**UEM d'aqui, de Lisboa, atravessa o Tejo n'um dos vapóres da carreira do Barreiro, vê logo, na costa que se prolonga para leste do Seixal, os barracões que guardam em si os ultimos restos dos nossos bons tempos de prestígio marítimo, de fausto e de aventuras. E no entanto, posto que a sua enormidade disforme, assente n'aquella costa lodosa e



A incursão de Paiva Couceiro — Vista geral de Montalegre, villa onde alguns jornaes estrangeiros disseram terem entrado as guerrilhas monarchicas

(Phot. de J. Benoliel)

Laudicêa, por ciumes, assassina Antiocho, rei de Syria.

Fredegonda mata o rei Childerico.

Ciumes de mulheres dão fim ao imperio dos gódos.

Annibal, o invencivel, foi subjugado pelas mulheres.

Hercules, vencedor de hydras e leões, ficou captivo aos pés de Omphale, rainha da Lydia.

Achilles, o heroe da Illiada, vestia-se de mulher só para estar com ellas nos soalheiros.

Samsão, o valente, ajoelhou perante Dalila.

Foi a pedido de Herodias que Herodes mandou degolar S. João Baptista.

Salomão construiu 700 quartos para 700 moabitás, e pelos amores de sua irmã causou as desditas de David.

Nine foi morto por ordem de Semiramis.

Marco Antonio, antes de ser vencido por Octavio, já o havia sido por Cleopatra.

Xantipa, mulher de Socrates, foi a causa de todos os seus desgostos, contribuindo algum tanto para sua morte.

Maria Antonieta, foi, em parte, a causa da revolução franceza.

Catharina de Medicis foi a protagonista da Saint Bartholemy, em que perdeu seus proprios filhos.

E, como estas, outras numerosas mulheres concorreram para muitos acontecimentos infaustos de que faz menção a historia, assim como muitas influiram em acontecimentos de effeitos extraordinariamente beneficos.

negra, seja de molde a ferir a vista, não ha quem por uma curiosidade natural procure saber de que serve ali perdida, no meio do baixo, essa estranha construção.

De resto, por nada mais senão pela grandeza se destacam esses quatro barracões: o ocre desmaiado tem o ar soturno dos predios abandonados de que ninguem faz caso e em que o pó se acama, successivamente, de camaradagem com as ervas tristónhas que vão



A Azinheira

Henrique IV surprehendeu um dia um dos seus famulos, no acto de tomar uma pitada da caixa de rapé que havia deixado sobre um movel.

O famulo, cheio de vergonha, balbuciou umas desculpas intelligiveis, que o bom monarcha interrompeu, dizendo:

— Guarde a boceta, rapaz, para nós dois acho-a pequena...

nascendo ao rez dos muros. Raro é quando uma vela airosa apróa á enorme ponte que se estende sobre o canal; e só ao domingo, no tópo do mastro de signaes, tremula a bandeira nacional, a indicar

que por aquellas paragens ainda alguém vive e se lembra de que é portuguez aquelle terreno.

Para ali estão esquecidos, entregues ao tempo que tudo des-

museu interessantissimo de assumptos navaes — as rodas de leme, as carrancas de prôa, os mil apetrechos marítimos que recordam tempos idos — tudo ali

está a monte, n'essa Azinheira d'onde sahiram para os azares do mar e onde voltaram cheios de aventuras, testemunhas de gloriosos dias, a dormir o somno dissolvente das coisas abandonadas.

Tudo ahi lembra o mar e a sua grandeza, porque a meia duzia de pessoas que ainda habitam o Deposito tem conservado os antigos costumes e, como foram quasi todos marinheiros, continuam a manter em terra as usanças das suas singraduras pelo mar largo.

Assim, no velho sino que foi n'outros tempos da *Rainha de Portugal*, ainda se batem as horas de noite á moda marítima, de meia em meia hora; pelos corredôres enormes, ladeados de portas fazendo lembrar as dos camarotes de bordo, pharoes de azeite pendem do tecto caído; de quando em quando, correspondendo ao bater do sino, o homem da ronda passa arrasando os tamancos, no silencio que fica quando o norte pára de assobiar nas arvores da alameda...

Por outro lado a necessidade tem produzido curiosos efeitos de adaptação e não é raro ver uma escada, que foi outr'ora de um portaló, servindo para o accesso de um piso a outro, tendo ao lado um cabo alcatroado a substituir o corrimão vulgar.

A agua, que uma falua todas as semanas traz de Lisboa, porque por aquelles sitios escasseiam as nascentes, é guardada em tanques de ferro pintados a zarcão, enfileirados ao réz d'uma parede, tanques que foram antigamente paioes da aguada de bordo. Nos mais pequenos pormenores se encontra uma recordação do mar, de tal modo que o conjuncto, o isolamento em que fica aquella pequena península a tornar-se ás vezes em ilha, completamente rodeada de agua, a quietação proveniente do pequeno numero de habitantes, trazem ao espirito a lembrança da vida marítima, com o seu monotono decorrer de dias longos, quantas vezes tormentosos e desolados, de mistura com as manhãs claras em que a

bruma ao desfazer-se no horisonte, deixa ver ao longe a costa desejada para onde se navegou por mar cavado, aos empuchões do vento, com a morte frequentemente a acenar na crista das vagas traiçoeiras...

Para ali se amontoam, n'uma promiscuidade triste de abandono,

## A revolução na China



O regente do imperio chinês e a sua côrte

*Revestem a maior importancia os acontecimentos que actualmente se estão passando na China. Não sabemos se a revolução triumphará ou não, mas seja como fór, os factos indicam que os povos d'aquelle vastissimo imperio estão despertando e uma vez bem acordados é de crer que não se limitem a expulsar a dynastia estrangeira que ha tantos seculos os escravisa. O perigo amarello não é, segundo o nosso modo de ver, uma coisa imaginaria. Está na logica dos acontecimentos, obedece ás leis da historia, e ha de, portanto, manifestar-se mais tarde ou mais cedo e talvez mais depressa do que se julga.*

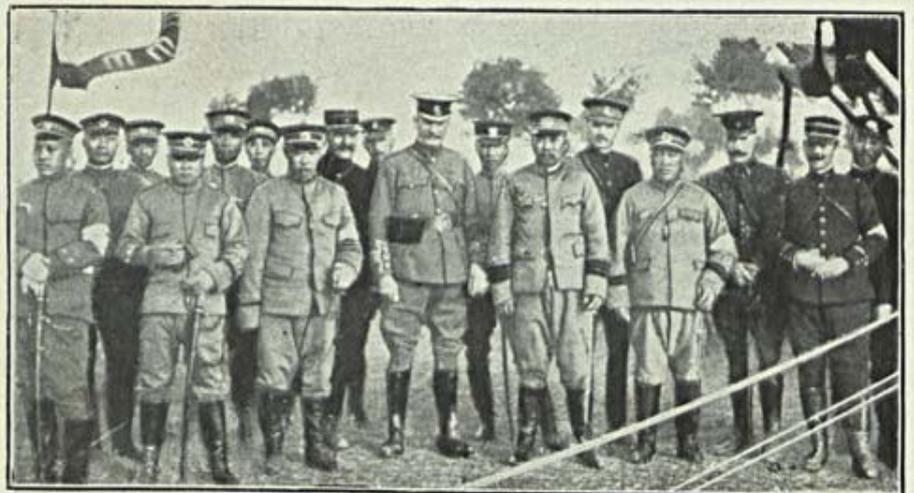
troe, os velhos tropheos da nossa armada, as antigas reliquias dos tempos das naus, das esquadras e dos almirantes...

Ha annos atraz era de vêr o que ia por esses sitios, de animação, de vida e de trabalho: os grandes navios carregados de madeiras vindas da India e do Brasil, descarregavam á ponte; as zórras levavam essas grandes vigas e antenas pelo areial fóra para o jazigo onde iriam dormir até que fossem um dia tazer parte do costado gigantesco d'uma fragata da armada; os ranchos de dezenas de trabalhadores carregavam de paus escolhidos as faluas que vinham abastecer os estaleiros do Arsenal; e a Azinheira, agora morta, vivia d'uma vida exuberante, porque representava nada menos que o deposito colossal dos materiaes de que eram feitos os navios das esquadras portuguezas.

Depois veiu o vapor substituir a vela, o ferro supplantou a madeira e nunca mais a nossa esquadra foi, valha a verdade, senão meia duzia de calhambèques sujos, inteiramente inúteis e completamente inoffensivos.

Os restos dos tempos gloriosos da velha armada de madeira, para ahi estão no Tejo, apodrecendo feitos pontões, desarmados e tristes, já com o nome carcomido pelo tempo, indistinctos e lugubres.

Aquillo de que se poderia fazer um



A revolução na China — Officiaes do exercito chinês acompanhando os adidos militares estrangeiros

as vérgas enormes das antigas naus, as pegas dos grandes mastaréis, os descommunes gurupés dos velhos navios de madeira.

Por quanto mar incerto e procellôso não teriam andado essas vigas cintadas de ferro, cujo peso e tamanho enormes nos fazem espantar, se pensarmos que já um mastro os suspendeu de camaradagem com dois ou tres semelhantes, aguentando, com os pannos sóltos, as refrégas do vento irado.

A quantas tempestades não teriam resistido, molhados da chuva que fustiga, balouçados ao embate das vagas que alagavam o navio tódo, tendo suspenso dos seus braços estendidos, em farrapos inuteis, o panno que um golpe de vento pôz em tiras!

De quantas acções de nobreza e temeridade não teriam sido testemunhas, quando na pópa o pavilhão portuguez se içava tremulando á aragem, defendido pela bateria aberta, defrontando ás vezes, em manifesta inferioridade, a ira afrontosa d'uma grande nau inimiga!

— Dias de gloria e dias de luto, tudo lá vae, perdido no nevoeiro do passado, e o pó da velhice e do abandono vae cobrindo

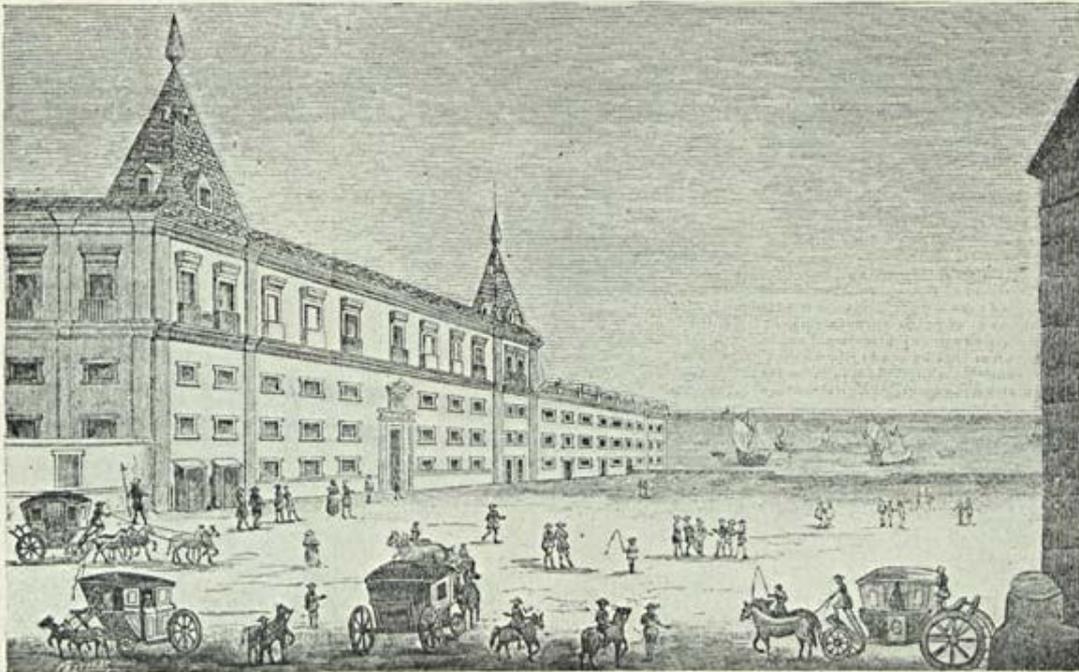
Tudo para alli tem vindo parar, como ao recanto sombrio onde se escondem as velharias deselegantes e feias, para que a vista já acostumada aos requintes das novas invenções se não enfade de topar com as usanças antiquadas dos nossos avós.

E faz pena pensar que são essas ruínas tristes e abandonadas que restam hoje de todo um passado de gloria, saudoso passado em que os nossos marinheiros tinham a rudeza e o brio corajoso que tão admiravelmente estão pintados nas paginas grandiosas dos *Quadros Navaes*, de Celestino Soares, o velho almirante que tanto amou e defendeu os interesses da armada.

Pelo nosso espirito fica, em face d'essas recordações esquecidas, uma tristeza desalentada e dominante, a vaga saudade dos tempos idos — e porventura a esperança de um futuro melhor em que a nossa marinha reate as antigas tradições e occupe de novo o justo logar a que lhe dava direito a tempera rija de que eram feitos os homens que a representavam sempre ativa por todos os mares.

Apodreçam embora, n'aquelle ermo esquecidas, essas reliquias sagradas do que foi, que nunca se apagará da memoria de todos

## Antiquidades



O palacio do Duque de Aveiro, em Belem, arrazado em 1759

essas testemunhas mudas de todas as grandes scenas da nossa antiga marinha...

Em qualquer recanto da velha Azinheira se encontra um pormenor miudo que fala d'esse passado de gloria, — passado de que ninguem faz caso e onde tudo se fundiu e desapareceu — nomes, datas e paginas celebres. No pequeno jardim junto ao mastro dos signaes, defendido por uma bateria de pau que aponta na direcção de Lisboa, o busto de madeira do grande Vasco da Gama olha para o Tejo em frente, esse Tejo que elle, outr'ora carranca da velha nau, dominava magestoso e onde entrara tantas vezes voltando do mar largo, vendo em baixo as aguas verdosas apartarem-se para o deixar passar, molhado ainda das vagas altas que lhe lambiam o peito insensivel...

E agora para ali está, deslocado do meio em que tantos annos symbolisou a mais nobre coragem junto á mais pertinaz e valente tenacidade, apodrecendo á chuva e ao vento, mutilado e triste, condemnado a ser em breve um mólho de cavacos informes, que irão morrer no lume que tudo apaga!

— Por toda essa velha Azinheira paira um ar saudoso de recordações já meio apagadas, como se toda aquella madeira impregnada da salsugem do mar por onde andou tantos annos, guardasse ainda a lembrança querida dos passados dias de jubilo e gloria.

os portuguezes o que ellas ajudaram a escrever nas paginas da historia da civilisação, a extensão do imperio colonial que se dilatou pelos dois mundos, a epopéa que só o genio de Camões podia cantar.

Lisboa, novembro de 1911.

C. MARREAS.

### Palacio do Duque de Aveiro, em Belem, arrazado em 1759

O palacio do duque de Aveiro, em Belem, foi arrazado para complemento da barbara sentença que mandou executar, no meio dos maiores tormentos, toda a familia dos conspiradores.

A parte da sentença que diz respeito ao arrazamento das propriedades dos conspiradores reza assim:

«Considerando que o mais conforme é o de desterrar, por todos os modos, o nome e a recordação de tão enormes delinquentes, condemnam outrosim ao mesmo reu, não só nas penas de direito commum, para serem derribadas e picadas todas as suas armas e escudos em quaesquer logares em que se acharem postos, e as casas e edificios materiaes da sua habitação demolidos e arrazados,

de sorte que d'elles não fique signal, sendo reduzido a campos salgados...»

E assim foi executada a sentença, sendo arrazados o palacio e muros da quinta do duque de Aveiro, o que tudo era situado nos terrenos onde hoje ha o largo com o chafariz junto da igreja dos Jeronymos e as casas que se erguem desde este largo até á travessa que communica a rua Direita de Belem com a calçada do Galvão.

Foram estes terrenos salgados para que não produzissem vegetação alguma e prohibido o n'elles se edificar. E para melhor conhecimento e memoria da sentença, se mandou levantar uma columna com uma inscripção, que dizia o seguinte: «Aqui foram casas arrazadas e salgadas de José Mascarenhas, exautorado das honras de duque de Aveiro e outras, e condemnado por sentença proferida na Suprema Junta da Inconfidencia em 12 de janeiro de 1757, justicado como um dos chefes do barbaro e execrando desacato que na noite de 3 de dezembro de 1756, se havia commettido contra a real e sagrada pessoa de El-Rei Nosso Senhor D. José, e n'este terreno infame se não poderá edificar em tempo algum.»

## THEATROS

**Nacional** — 20000 dollars, peça em 3 actos e 4 quadros, original de Armstrong, traducção de Felix Bermudes. **Gymnasio** — O *Talassa*, comédia em 3 actos, original de Arthur Cohen e Guilherme Barbosa. **Avenida** — *Damas Viennenses*, operetta em 3 actos, de F. Lehar, traducção de Accacio Antunes. **Trindade** — *Colyseu dos Beceiros*.

Após uns tempos de infortunio, uma sombra de prosperidade parece querer bafejar o nosso primeiro theatro de declamação. Se bem que a peça escolhida para a inauguração do **Nacional** não seja verdadeiramente uma obra de arte litteraria, o facto é que ella conseguiu atrahir o publico, e por isso não podemos deixar de louvar a escolha.

E se a peça cumpriu, o mesmo succedeu por parte dos artistas que a desempenharam, pois se houveram por uma forma deveras surpreendente, parecendo, enfim, convencidos de que para ganhar dinheiro pela arte é preciso fazer arte, o que elles ha tempos descuravam, estamos certos que por um desleixo natural, pois que aptidões, recursos e vontade, demonstraram agora possuir em abundancia. E' de esperar que, novamente *afreguezado*, o theatro tome por um caminho serio, apresentando-nos trabalhos honestos e conscienciosos, que mais não seja em desempenho. Não será isso difficil, attenta a boa vontade que todos os artistas mostraram nos *Vinte mil dollars*.

A peça é como uma fita de animatographo: episodios rapidos que se succedem sem fundo nem côr, ligados pelo seguinte fio: — Um homem, *Samson*, tem a extranha faculdade de abrir cofres unicamente com o auxilio dos dedos por uma forma verdadeiramente assombrosa, uma especie de magia, sem deixar o menor vestigio. Intelligente e instruido, embora as suspeitas se avolumem em torno d'elle, nunca dá aso á mais pequena prova que o possa comprometter, fazendo recahir sempre as culpas em dois gatunos conhecidos, que são cúmplices das suas habilidades e lhe mantem um respeito e uma lealdade sem limites. Uma vez apenas é condemnado, mas por tentativa de homicidio em defesa de uma mulher. Ha, porém um agente policial, *Evaus*, que se obstina em apanhar a *Samson* uma prova do seu crime, mas este resiste-lhe sempre, nunca perdendo a serenidade, fazendo cahir todos os *trucs* que elle lhe arma. O que torna interessante a peça é esta lucta entre os dois adversarios, intelligentes ambos e ardilosos. *Evaus* consegue afinal os seus fins, — um verdadeiro acaso: uma creança que se fecha dentro de um cofre, de que não se encontra a chave, e que está irremediavelmente perdida, faz com que *Samson* pondo acima de tudo o coração, execute os seus prodigios mesmo na presença de *Evaus*. E' interessante esta scena e de um effeito commovente extraordinario. *Evaus* por fim, talvez para não dar de si má impressão ao publico, commove-se e não denuncia *Samson*.

O desempenho como acima dissemos é dos melhores que temos visto nos nossos theatros. Devemos, porém, pôr em destaque o trabalho de Carlos Santos, que moldou por uma forma brilhante, cheia de verdade, a difficil parte de *Samson*, caracterisação, gesto, dicção excellentes, sem um exagero; não ha duvida, — é aquillo. Lucinda do Carmo, no curto papel de tia, poz em acção por forma brilhante, as suas qualidades de artista. A seguir Palmyra Torres, que foi uma impecavel americana, mantendo de principio a fim, sem a menor quebra, a difficil linha que deu á personagem. Luiz Pinto, foi um habil *detective*, exteriorisando bem a figura, e dos restantes difficil se torna destacar algum, porque todos procuraram achar o caracter verdadeiro do personagem e conseguiram-no.

— No **Gymnasio**, o *Talassa*, como o proprio nome o indica, é uma peça chamariz, um a proposito, chamemos-lhe assim, em que os auctores apenas procuram explorar um assumpto de occasião. Quasi todas as peças assim moldadas, são, geralmente inferiores, e mesmo quando abundantes em espirito a sua vida é ephemera, e decorrido o momento critico, lá vão empoeirar-se no archivo do theatro

e caem no esquecimento. E' isto, estamos certos, o que succederá com o *Talassa*, tanto mais que o publico da primeira representação pareceu-nos todo republicano de gemma e não gostar de *talassas* nem mesmo a brincar. Graça tem e sem pornographia, o que é para louvar; mas precisava de mais interesse, escandalo talvez, e ella afinal, é quasi ingenua.

Cardoso dá-nos um excellente typo, o melhor certamente da peça, e os demais mostraram boa vontade, e foram ellas Albertina de Oliveira, que vae marcando, Maria Augusta, artista que já cahiu por completo no agrado do nosso publico, Sophia de Oliveira, Augusto Machado, Casimiro Tristão, Henrique de Albuquerque e José Soares.

— No **Avenida**, mais uma operetta de importação allemã, com os mesmos typos, as mesmas scenas, a mesma pobreza de acção, mas com uma excellente musica, que é tudo em peças deste genero. Não teve esta a acompanhál-a, entre nós, como as suas congeneres, grandes deslumbramentos de guarda-roupa e scenarios, é certo, mas em compensação, o desempenho foi de modo a satisfazer os mais exigentes, o que não é de admirar em artistas como José Ricardo, Izabel Frago, Santos Mello, Gomes, Armando de Vasconcellos e Alfredo de Sousa.

— A **Trindade** tem passado em revista parte do seu antigo repertorio, como a *Viuva Alegre*, *Sonho de Valsa*, *Amores de Principe*, *Perichole*, a *Boneca*, etc., etc.

Em todas as peças a excellente companhia tem continuado a manter os seus creditos, podendo afirmar-se que em operetta não ha melhor. Para breve teremos uma peça nova, traducção allemã, de que nos dizem maravilhas. A seu tempo falaremos.

— No **Colyseu** temos agora o atractivo da lucta japoneza pelo celebre luctador *Yukio Tani*, dando logar a que as enchentes se succedam, e a que o publico se manifeste acaloradamente, o que dá uma nota duplamente interessante a este genero de espectaculos.

Ruy.



Veiga Simões

A livreria França Amado, de Coimbra, acaba de pôr em circulação um livro que, como raras vezes está succedendo, marca uma individualidade.

Veiga Simões, que offerece a Theophilo, este seu livro «A Nova Geração», revela se um critico de espirito culto, olhar certo, seguro alcance e forma bizarra.

Sob a sua retina passa a obra de quantos no seu tempo, symbolistas, realistas, idealistas, independentes, ou fundando escolas, ou seguindo-as ou rejeitando-as, trouxeram a sua pedra para o edificio, que ainda está em construcção, de uma litteratura nova.

Collocal-os no seu logar, observal-os com exactidão e, sobre a obra e o valor de cada um transmittir as suas impressões e o seu sentir a quantos pela leitura se approximem do seu espirito é o objectivo do auctor da «Nova Geração», que vem trazer á critica portugueza, um elemento de valor.

Veiga Simões, que concluiu o seu curso de direito, tem hoje um logar na Legação Portugueza, de Londres, onde ha mezes se encontrou com elle quem escreve estas linhas, e que, na permuta de impressões sobre a grande Inglaterra, ponde de prompto ajuizar das faculdades do observador e do critico, sobejamente evidenciadas na «Nova Geração».

## A cidade de Faro



A igreja da Sé de Faro

**P**ERDE-SE na noite dos tempos a origem segura da fundação da cidade que é hoje a capital da provincia do Algarve, achando-se a sua fundação envolvida em lendas mais ou menos verosimeis, que não auctorisam a concluir qual a epoca d'essa fundação nem tão pouco a raça que a constituiu, com quanto escriptores de reputação affirmem que foi fundada por uma colonia de pescadores sarracenos, que por longos annos a occuparam, segundo a lenda.

Faro está situada muito proximo do lugar onde outr'ora existiu a cidade de *Ossonoba*, que floresceu por muitos seculos, sendo a principal da Luzitania Celtica, que corresponde ao reino do Algarve, pouco mais ou menos. *Ossonoba*, capital do Algarve, e seu governo, estavam sujeitos ao *convento juridico pacense*, de Beja, mas documentos irrefragaveis provam ter *Ossonoba* um governo democratico, composto de uma junta governativa ou coisa que valia o mesmo, e seis membros ou *tribunal servirato*, como republica distincta e populosa. Sobre as ruinas da opulenta cidade assenta a moderna aldeia de Estoy, povoação que fica situada em um cabeço, no centro d'uma planicie amena e fertil, a dois kilometros de Faro.

Foi *Ossonoba*, a povoação da península hispanica onde primeiro se prégou o Evangelho (36 annos de Christo) e no tempo dos visigodos, em 589, era um bispado e tinha Sé Cathedral, affirmando-se que esse bispado começara no seculo III, deixando de existir no seculo VI.

Quando os mouros invadiram a península foi a antiga *Ossonoba* completamente arruinada, e de seus moradores, os que escaparam, fugiram para as serras proximas, de Monchique e Caldeirão, d'onde — passados annos e quando os sectarios de Mafoma considerando já a conquista solidamente effectuada, começaram a entabular relações pacificas com os habitantes, — vieram a construir casas alguns pobres pescadores, em sitio afastado cêrca de legua e meia da antiga cidade. As edificações foram augmentando e os foragidos vieram pouco a pouco estabelecer-se ali. Foi este o começo da hoje capital do reino algarvio.

O primeiro nome d'esta povoação foi *Santa Maria*, mas como existisse ali proximo um pharol, a que tambem no antigo idioma, muito menos distincto do castelhano do que hoje é, se dava o nome de *faro*, passou a usar esta denominação que ainda hoje conserva.

Faro foi tomada aos mouros por D. Affonso III, no que foi muito auxiliado pelo fronteiro-mór do Algarve, D. Payo Peres Correia, mestre de S. Thiago. Era então Faro uma praça bem fortificada e provida de todos os elementos indispensaveis, sendo d'elles abastecida pela visinha costa africana.

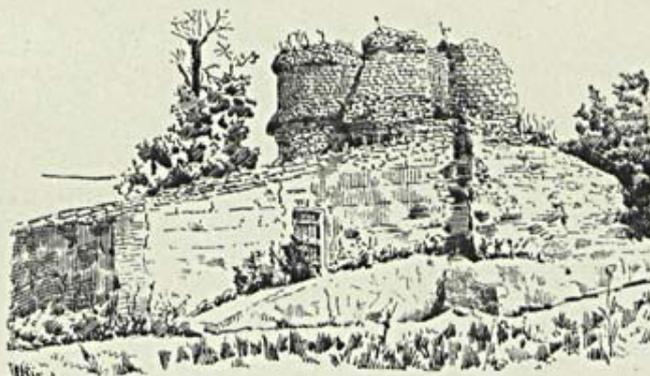
D. Affonso III dirigiu-se a cercar Lisboa por terra e por mar; e os portuguezes, animados pelo exemplo do seu rei e pelos esforços do fronteiro-mór, em poucos dias flzeram tremular nos muros de Faro a bandeira das quinas.

Em 1506, estando Portugal sob o dominio de Castella, e a Hespanha em guerra com a Inglaterra, foi Faro tomada, saqueada e incendiada pelos inglezes; e, depois, em 1755, o terramoto destruiu quasi todos os edificios e fortificações, ficando apenas de pé a parte plana da cidade, que a essa categoria fôra elevada por D. João III, em 7 de setembro de 1540.

A capital do Algarve é, das cidades do nosso paiz mais limpas e hygienicas. Possui varios monumentos importantes, tanto antigos como modernos, e entre elles reputam-se como principaes a igreja da Sé, que é templo antiquissimo, tendo sido edificado pelos godos (e sido desde 716 mesquita dos mouros, sendo purificada e adaptada a templo christão quando Faro foi resgatado definitivamente do seu poder), o edificio da camara municipal, onde está o museu lapidar, vasto repositorio de bustos e varios outros objectos curiosissimos, que foram achados nas escavações de *Ossonoba*, edificação moderna mas de muita elegancia, e ainda o castello mourisco, que era d'uma soberba architectura, com um valor archeologico extraordinario, e que tem servido de aquartelamento a um regimento de infantaria.

Primitivamente este edificio era circumdado por enormes muralhas, com um castello e torres de menagem. Hoje, porém, não existe nenhum d'esses elementos caracteristicos do estylo adoptado nas construcções mouriscas; comtudo, o seu aspecto ainda infunde o respeito de todas as ruinas venerandas.

Entre os vultos notaveis que regista a historia de Faro, figura a famosa Brites d'Almeida, cognominada a *Pisqueira*, e mais vulgarmente conhecida pela *Padeira de Aljubarrota*, o que não é das menores glorias da velha cidade algarvia.



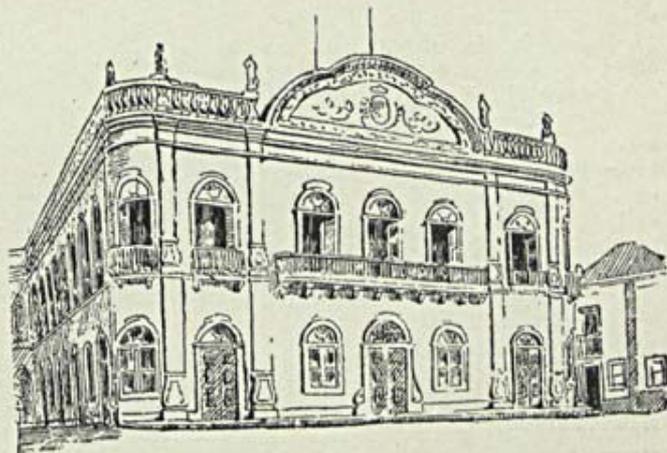
Faro — Ruinas de uma torre romana

### Execução de animaes

Em seu livro *Determinismo e responsabilidades*, conta Hamon que, em 1396, foi enforcado, em Talaise, por um carrasco, uma porca que comeu o rosto de uma creança, sendo queimado, judicariamente, um gallo, em 1477,

em Kablenberg, por ter tido o desafôro de pôr um ovo, que com elle foi levado á fogueira.

Um porco foi enforcado, tambem, em Chartres, por ordem do respectivo juiz, em 1552, por ter morto uma rapariga, e em 1617, queimaram-se com solemnidade, em Hedée, um jumento e um individuo, por haverem praticado acções offensivas á moral.



A Camara Municipal de Faro

## A vida elegante nas Caldas da Rainha

M.<sup>elle</sup> Bertha Guimarães — M.<sup>elle</sup> Fortunata Levy — João Queriol

*Meus caros amigos:*

Pedem-nos duas linhas sobre as Caldas este anno. Mas que hei-de eu dizer que todos já não saibam? Que essa encantadora

lho, e, para tudo haver, até houve, n'esse sumptuoso e encantador Parque das Faianças que Raphael Bordallo fundou e que Costa Motta (sobrinho), coadjuvado pelo dr. Martins Pereira e... Leal. até houve, dizia, um grande almoço em que os convivas eram perto de setenta, que saborearam pitões inolvidaveis, entre os quaes um bacalhau à Biscainha, archi-delicioso, e cosinhado a primor pelo commendador Jorge de Almeida Lima.

Comtudo foi a arte, que este anno teve nas Caldas todas as honras. Além d'essas duas distinctissimas amadoras que são mesdemoiselles Marianna e Maria da Graça Reynolds, as quaes honraram



Bertha Guimarães



Fortunata Levy

estancia, apesar da pessima direcção que o hospital—ou seja o dr. Cymbron seu director—dá aos divertimentos, conseguiu triumphar, pois foi entre as thermas portuguezas a unica, segundo se diz, que viu os seus hoteis cheios e as casas todas alugadas, isto apesar de no mez de agosto os hoteis terem estado ás môscas e as casas quasi todas com escriptos.

Mas a 29 e 30 d'esse mez as cartas, os telegrammas, começaram a afluir, a serem marcados os quartos, e tomadas as casas, attribuindo-se essa affluencia aos boatos que então circularam, e á confiança de todos nos habitantes das Caldas, que respeitam as opiniões e as crenças de cada um. E mesmo se vocês, meus amigos, me deixassem metter o bedelho em politica, diria que as Caldas continuam a ser o que sempre foram, isto é monarchicas. Digo pouco, mas digo tudo.

Vamos, porém, á vida elegante, das Caldas. Não é porventura isto que desejam?

Houve de tudo, não direi como nas boticas, mas como nos annos anteriores. Foram burricadas á Foz do Arelho em que tomaram parte ou das quaes foram iniciadoras umas gentis meninas—Mesdemoiselles Alvellos e Pereiras de Carvalho—que pela primeira vez vinham para as Caldas; foram *pic-nics* como o do Conventinho—a capella na magnifica quinta de Luiz da Gama—organizado pelas familias de Nuno Queriol e Xavier de Almeida; foram chás á Foz do Are-

a tradição que na época anterior conquistaram, continuando a notabilisar-se como eximias executantes, a primeira no violino e a segunda em harpa, outras figuras distinctas se evidenciaram este anno.

Foi uma d'ellas João Queriol, sympathica creança, que ao piano e em trechos de auctores classicos, se revela já um grande artista, um futuro mestre. Seu pae, o illustre official de marinha, Nuno Queriol, tem de que orgulhar-se ao antever as glorias do filho.

Duas figuras femininas brilharam pela arte: a sr.<sup>a</sup> D. Fortunata Levy, filha do sr. Salomão Levy, que no concerto-festa do sextetto do club se mostrou uma cantora de largo futuro e de bella escola—é discipula de Madame Penchi; e mademoiselle Bertha Guimarães, filha do sr. Alfredo Guimarães, que se impoz como *diseuse* notabilissima, quer na lingua patria quer em francez, e que como cantora—apenas com cinco mezes de estudo mas tendo por mestra a sr.<sup>a</sup> Mantelli—mostrou que a educação musical, quando é esmerada e perfeita, faz realçar maravilhosamente as qualidades naturaes de aptidão e talento.

E eis, meus caros, o que foram este anno as Caldas, terra talassica no dizer de muitos.

Vosso amigo  
EGROJ.



João Queriol

*Um pianista de 13 annos de idade*

Para fazer embatucar um vaidoso, não ha nada como a gargalhada.

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de qualquer irregularidade na entrega d'esta REVISTA, garantindo-lhes ao mesmo tempo que as suas reclamações serão promptamente attendidas. As muitas queixas que temos recebido levam-nos a declarar, por este meio, que as faltas apontadas de modo algum nos devem ser attribuidas, mas sim ao pessimo serviço dos correios, que ultimamente tem merecido as censuras d'alguns jornaes diarios, cujos assignantes egualmente se teem queixado de os não ter recebido ou de os receberem com grande atrazo.

A DIRECÇÃO.